

Ouvindo/Sentido a Música: Relato de experiência com alunos surdos

Juliana Santos Bischoff
Universidade Estadual de Maringá
bischoffjuliana@gmail.com

Vania Malagutti Fialho
Universidade Estadual de Maringá
vaniamalagutti@hotmail.com

Resumo: O presente artigo aborda questões acerca do ensino de música para alunos surdos. Parte da experiência do estágio supervisionado I. Desenvolvido no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial. Este colégio é subsidiado pela ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá. Neste texto abordo questões referentes a educação musical voltada a uma turma de alunos surdos. Com o objetivo de compartilhar experiências e reflexões.

Palavras chave: Música. Surdos. Estágio.

Introdução

De acordo com Silva (2014, p. 12), “ensinar música para alunos surdos é uma tarefa desafiadora se levarmos em conta a questão de que somente o ouvinte pode realizar atividades musicais”. Porém, de acordo com o autor, “ao considerar os demais sentidos, sua cultura e identidade, podemos proporcionar aos surdos momentos de experiências e realizações musicais satisfatórias”.

Considerando as afirmações de Silva (2014), buscamos, na literatura textos que indicassem formas de atuação com estes alunos. Contudo, grande parte da literatura sobre música e surdos diz respeito a trabalhos e discussões que têm como foco a inclusão do surdo, pensando em um contexto de sala de aula onde há, tanto alunos surdos como ouvintes. Este

aspecto tornou-se um desafio e um compromisso, que também foi mencionado por Silva (2014):

A escassez de pesquisas e produções teóricas que auxiliem a compreender o universo musical do surdo é um problema que só resolverá com o engajamento de pesquisadores na busca de respostas para melhorar a aprendizagem e o relacionamento professor/deficiente auditivo. (SILVA, 2014, p.12)

Diante disso, a ideia de compartilhar experiências e reflexões sobre o desenvolvimento de um trabalho de educação musical com surdos tornou-se uma tarefa a ser cumprida. Assim, este texto trata-se de um relato de estágio supervisionado em música desenvolvido no Colégio Bilingue para Surdos de Maringá Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, na modalidade educação especial, subsidiado pela ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil), sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá. Este colégio é um centro educacional para surdos, e oferece a Educação Básica exclusivamente à crianças e jovens surdos, atendendo desde a educação infantil ao ensino médio. A ANPACIN foi criada em 1981, com o objetivo de manter um Centro de Reabilitação de Portadores de Deficiência Auditiva no município de Maringá.

Meu interesse por este campo surgiu a partir de questões pessoais que envolvem a acessibilidade do ensino de música para todos e do contato que tive com a ANPACIN, através do programa da disciplina de educação musical II, do curso de Licenciatura em Música da UEM, Universidade Estadual de Maringá, que contemplou uma discussão sobre a educação musical com surdos.

As aulas de música do estágio centrou-se em práticas musicais coletivas, priorizando o uso de instrumentos de percussão e percussão corporal, a partir da exploração visual da percepção e da vibração dos sons. Os conteúdos musicais enfatizados foram ritmo e expressão, por meio de exercícios que contemplaram a duração e a intensidade.

A turma atendida foi composta por três alunos sendo: dois meninos, Matheus 6 anos, Gabriel 7 anos, e uma menina Larissa 6 anos. Com a duração de um semestre letivo, totalizando 17 horas-aulas, na sexta-feira à tarde das 13h30 às 15h. As aulas de música ocorreram em uma

sala com paredes e chão revestido de madeira, que favoreceu a propagação sonora das atividades musicais, permitindo maior acesso dos alunos surdos à vibração dos sons.

Ponto de partida...

Quando se pensa em educação musical para surdos, temos que repensar a forma de sentir e perceber a música. Enquanto o ouvinte percebe a música através dos sentidos visão, toque e audição, o surdo utiliza somente dois, a visão e o tato. Segundo Glennie (2008), percussionista surda de origem escocesa:

[...] Ouvir é basicamente uma forma especializada de toque. O som é, simplesmente ar vibrando que o ouvido colhe e converte em sinais elétricos e que, então, são interpretados pelo cérebro. A sensação de ouvir não é o único sentido que pode fazer isso, o toque pode fazer isso demasiado. Se você estiver em uma estrada e um caminhão grande passar por perto, você ouve ou sente a vibração? A resposta é ambos. Com a vibração de frequências muito graves o ouvido começa a se transformar ineficiente e o resto do sentido de toque do corpo começa a dominar. Por alguma razão nós tendemos a fazer uma distinção entre o ouvir um som e o sentir uma vibração, que na realidade são a mesma coisa. É interessante notar que na língua italiana esta distinção não existe. O verbo “sentire” significa ouvir e o mesmo verbo na forma reflexiva “sentire” significa sentir. A surdez não significa que você não pode ouvir, apenas que há algo errado com o ouvido. Mesmo alguém que é totalmente surdo pode ainda ouvir/sentir sons. (GLENNIE, 2008, citado por Finck, 2009, p.61).

O “sentir sons” está vinculado às próprias características do som, que são ondas sonoras que propagam e gera uma vibração, favorecendo a experiência musical do surdo. Segundo Fereirra (2011).

Toda essa fonte física da música pode ajudar pessoas que tenham necessidades especiais de diversas formas. Ela coloca-se como um excelente recurso pedagógico por favorecer o desenvolvimento cognitivo ao proporcionar a acuidade auditiva e visual, assim como desenvolver a memória e a atenção, e, de modo especial, despertar no aluno o senso estético que vai transparecer em sua criatividade. (FEREIRRA, 2011, p 12.)

Pensando nisso, optei por uma prática centrada em jogos musicais que abordam questões rítmicas por meio de jogos de contato e movimentos corporais. Foi desenvolvido

através de exercícios práticos voltados ao lúdico e o visual. Como ponto de partida trabalhamos com jogo de copos, jogos de mãos e percussão corporal, em seguida introduzir pequenos instrumentos de percussão: agogô, tamborim, tambor de PVC, djmbe e pandeiro, estilo musical trabalhado foi a ciranda.

Escolhi trabalhar com ritmos, pois o aluno surdo consegue distinguir vibrações produzidas pelo som, porém tem dificuldades e alguns não consegue distinguir altura. Portanto é muito importante para o surdo o visual e o tato, sendo essencial que a música seja pensada e produzida pelo o corpo, pois o surdo ouve/sente a música através das sensações do corpo como um todo. Segundo Finck:

De acordo com a revisão literária, para ajudar o aluno surdo construir seu próprio conceito de música e a compreendê-lo é preciso ensinar música ao surdo utilizando-se o corpo inteiro, através dos movimentos. Desta forma, através de atividades em que o movimento é estimulado, todas as crianças, incluindo a criança surda, poderão perceber as vibrações musicais, os ritmos, a dinâmica musical. (Fink, 2009, p. 65)

Utilizamos estratégias que envolvem movimentos corporais associados a questões rítmicas. Para esta ideia, os métodos ativos de educação musical tornaram-se aliados, especialmente a euritmia de Dalcroze e as propostas de Orff. Dalcroze (1865 – 1960), através da sua proposta denominada euritmia, defende que a música deve ser expressar de forma holística envolvendo corpo, mente e espiritualidade, acolhendo alguma das questões do aluno surdo, focando as atividades musicais em movimentos concretos. Isso contribui para com as práticas musicais com surdos, que precisam envolver basicamente a visão, a percepção das emoções que os músicos transmitem com expressões corporais e faciais, e as vibrações produzidas pelos sons.

A experiência euritmica ativa os sentidos, o sistema nervoso, o intelecto, os músculos, as emoções e a expressão criativa. Trabalha, assim, com a imagem visual, sensorial, auditiva, tátil e muscular. A metodologia Dalcroziana dá ênfase à música improvisada pelo professor em decorrência da necessidade de cada movimento do ensino, evitando desse modo a automatização de movimento. (Finck, 2009, p. 67)

À sua maneira, Karl Orff (1895-1982), enfatiza o contato com a música e todos seus elementos (ritmo, melodia, harmonia, e timbre), ao mesmo tempo. Orff tem por base a palavra falada – ritmo da linguagem, abordando o tripé: palavra, som e movimento. Por ser uma metodologia que pensa no som e o movimento integrados, ela se torna útil para ser desenvolvida com alunos surdos, segundo Finck: “a partir desse tripé pretende desenvolver a inteligência e exercitar as possibilidades motoras do corpo, promovendo, gradualmente, a capacidade de apreciar e compreender a música” (FINCK, 2009, p. 68).

Práticas em sala de aula, cenas do estágio

Com base nas orientações de estágio, da literatura e de diversos vídeos com os quais tive contato – como os do educador Bonvenuto¹, e da percussionista surda Glennie onde ela mostra como ouvir música sem usar o sentido da audição² - fomos elaborando estratégias pedagógico-musicais de se trabalhar com os surdos. Neste texto exemplifico o trabalho realizado a partir de cenas musicais que se efetivaram na sala de aula. Vale ressaltar que, a princípio foram feitas observações com intuito de conhecer a escola e a dinâmica da turma. Após essa etapa iniciei minha incursão em sala de aula, sendo essa a minha primeira experiência com estágio.

Importante mencionar que as atividades desenvolvidas no estágio visavam o contato das crianças com o chão de madeira, proporcionando assim melhor percepção das vibrações das frequências. Todas as aulas são feitas sem os sapatos e muitas vezes elas sentavam no chão e até deitavam. Esta maneira de trabalhar facilitava algumas atividades, logo que Gabriel e Larissa, além da surdez, apresentavam também um problema de coordenação motora. Muitas vezes eles tinham dificuldade de equilíbrio e de coordenação motora que eram amenizados se estivessem sentados ou deitados.

¹ Segue link de alguns dos vídeos de Fábio Bonvenuto:

Endereço do blog: <http://fabiobonvenuto.blogspot.com.br/>

O Som do Silêncio a Surdez e a Música: <https://www.youtube.com/watch?v=YNlruhjEdWc>

Música do Silêncio - Fábio Bonvenuto: <https://www.youtube.com/watch?v=M50lcgAVlJc>

² Segue o link do vídeo da percussionista Evelyn Glennie:

https://www.ted.com/talks/evelyn_glennie_shows_how_to_listen?language=pt-br

CENA 1 – Pulsação

Esta cena ocorreu em uma aula de percussão onde estavam presentes os três alunos. O foco era trabalhar a pulsação, utilizando os instrumentos agogô de metal, ganzá de plástico, e tambor de pvc (os dois últimos instrumentos foram confeccionados por mim). Esses instrumentos foram escolhidos pensando no planejamento definido anteriormente, que previa o a abordagem do ritmo da ciranda.

Nesta cena, em um pequeno círculo eu e Gabriel estávamos sentados no chão, Matheus, Larissa e a professora Elaine estava de joelhos. Com o auxílio da professora Elaine (fazendo a interpretação da minha fala em LIBRAS), expliquei para eles que teríamos que percutir os instrumentos todos ao mesmo tempo, e que eles teriam que ficar atentos à professora Elaine que estaria fazendo os gestos para que cumpríssemos o objetivo da atividade. A professora estava desempenhando o papel de regente da atividade onde ela marcava o pulso com as mãos, sinalizando o número dos tempos. Eu estava com o agogô, Gabriel com o ganzá e Matheus com o tambor de pvc. Larissa não quis participar da atividade, pois havia discutido³ com o Matheus por causa do tambor de pvc.

Logo que a professora deu o sinal que iria iniciar, todos muito atentos entraram junto com ela e manterão a pulsação. Matheus revelou ser o protagonista desta cena, pois conforme ele foi percebendo que a atividade estava transcorrendo e todos estavam integrados tocando juntos com a regência da professora Elaine, se levantou mantendo o pulso e começou a dançar e a pular, com movimentos corporais como troca de pé, alternando as mãos na hora de percutir o tambor, e algumas vezes além da batida no tempo improvisava fazendo uma outra batida no contratempo. Ele repetia e repetia os movimentos, fortalecendo-os e reforçando sua intenção naquela produção sonora. Ele estava vivenciando a música, sentindo, escutando com todo o corpo.

Ele deu uma pequena acelerada na pulsação, mas a professora Elaine conduziu para que todos acompanhassem e retornassem ao pulso inicial. A alegria que ele demonstrou pela

³ Há discussões recorrentes entre o aluno Matheus e a aluna Larissa, não somente na aula de música (segundo relato da professora Elaine). Na aula de música é muito comum eles disputarem os instrumentos.

execução da atividade foi notória. Sua expressão indicava uma entrega total ao que estava tocando, sem perder o senso da experiência musical em grupo. A forma como interagiu com o instrumento e a comunicação visual que estabeleceu com a professora e comigo, mostravam que ele estava de fato “ouvindo” e “curtindo” o que tocava. Embora a cena tenha durado aproximadamente dois minutos, a intensidade do momento, revelou o potencial musical e de vivenciar a música de uma maneira que não deixava nada a desejar à uma pessoa ouvinte. Não há dúvida de que, alguém ao assistir à cena, sem a informação de que se tratava de um garoto com perda auditiva, iria identificar a surdez de Matheus.

Nesses momentos de total entrega e interação com a música dos alunos surdos, remete à fala do professor Bonvenuto: “muitas vezes, os desenhos rítmicos dos surdos parecem mantras. Eles vão se repetindo e você vai sendo absorvido. Eu me sinto recompensado em poder participar desses momentos com eles.” E realmente é uma grande satisfação participar desse momento com eles.

Cena 2 – Momento Livre

A segunda cena é referente ao momento de livre improvisação e exploração dos instrumentos de percussão. Este momento foi programado para os momentos em que o planejamento da aula previa a apresentação de um instrumento novo. Neste dia estávamos conhecendo os instrumentos djembê e pandeiro, que foram utilizados em uma atividade que fez parte das aulas: siga o mestre musical (sobre isso ver BISCHOFF, 2016). Nesta aula estavam presentes os três alunos. Quando estava faltando alguns minutos para encerrar a aula, liberamos os instrumentos para eles explorarem os sons e vibrações de forma livre. Era um momento exploratório de vivência musical, de forma livre e espontânea. Os alunos demonstravam, através de expressões faciais e corporais, muita empolgação, pela oportunidade do contato, e de se expressar através do instrumento. Eles percutem o instrumento, geralmente com muita intensidade, para sentir de forma mais intensa as vibrações produzidas.

Havia dentro da sala um armário de madeira, com gavetas e portas, porém, baixo e estava vazio. De forma muito espontânea os alunos saíram do chão onde estavam sentados percutindo os instrumentos e subiram nesse armário. Percebemos que eles tiveram essa atitude, pois o armário amplificava a vibração produzida pelo som dos instrumentos. A cena que se via, eram de três crianças felizes em cima de um armário tocando um instrumento, de forma espontânea e natural.

Nesses momentos livres, sem seguir um padrão rítmico regular, mas em alguns momentos, criando uma célula rítmica e a repetindo e repetindo. O resultado era a repetição rítmica e os instrumentos sendo percutidos de forma intensa. O resultado não era algo musical necessariamente, mas um momento necessário onde “testavam” o instrumento e descobriam maneiras de melhor senti-lo, seja na forma de segurá-lo, na intensidade de percuti-lo ou no local da sala em que melhor sentiam a vibração do que estavam produzindo sonoramente.

As descobertas eram expressas pelos risos, expressões e empolgação que as vezes chegavam à uma algazarra. E nesse contexto todo, como professora, procurávamos administrar a situação modo que não virasse “uma bagunça”, intervindo, quando necessário, nas indicações de expressões que pudessem apresentar riscos de se machucarem ou de estragarem os instrumentos, sempre com o cuidado de não reprimir a vivência musical deles.

Considerações finais

A experiência com surdos mostram que é muito restrito pensar que somente ouvintes podem vivenciar a música, entendendo que o contato e integração musical transcendem questões auditivas. Assim, todos podem ter uma experiência musical independente de serem ouvinte ou não. Neste sentido, o importante é desconstruir os preconceitos e rever o sentido e a forma de vivenciar a música.

Com isso em mente, o processo de planejar aulas, estabelecer objetivos musicais e conduzir um plano de educação musical com surdos, torna-se um desafio similar à todos demais processos da docência em música. Não há dúvidas de que o maior “vilão” na tarefa de

ensinar música a surdos está nas concepções equivocadas e nos “pré conceitos” que fazem parte do senso comum.

Há, porém, a necessidade de maior investimento em experiências, reflexões e pesquisas que norteiem as práticas pedagógico-musicais com surdos, e a produção de conhecimento e estratégias metodológicas que otimizem o processo de educação musical com pessoas com diferentes níveis de perdas auditiva.

Referências

FERREIRA, Paulo Roberto Pereira. ***A Música Como Fator de Inclusão Para Alunos Com Deficiência Auditiva***. 2011. Monografia. (Especialização e Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.

FINCK, Regina. ***Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectiva para a ação pedagógica inclusiva***. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

SILVA, Paulo Roberto de Souza. ***Ensinando e Aprendendo Música com Alunos Surdos: um estudo da experiência de docência em música em uma escola regular de Governador Valadares/MG***. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Música na Universidade de Brasília, 2014. Governador Valadares, RS.